

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

LIMITES E ALCANCES (IM)POSSÍVEIS ENTRE PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO: DO TEMPO DE FREUD À ATUALIDADE

Silvano Messias dos Santos, Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.5430>

Submetido em: 2023-01-11

Postado em: 2023-01-12 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

ARTIGO

LIMITES E ALCANCES (IM)POSSÍVEIS ENTRE PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO: DO TEMPO DE FREUD À ATUALIDADE

SILVANO MESSIAS DOS SANTOS¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5003-7184>
<silvannomessias@yahoo.com.br>

INÊS MARIA MARQUES ZANFORLIN PIRES DE ALMEIDA²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1292-7327>
<almeida@unb.br>

¹ Universidade de Brasília (UnB), Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), Brasília, DF, Brasil; Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), Barreiras, BA, Brasil.

² Universidade de Brasília (UnB), Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), Brasília, DF, Brasil.

RESUMO: O objetivo que sustenta o presente artigo é discutir a interface Psicanálise e Educação. Para tanto, faz-se um percurso histórico pelas tentativas de aproximação entre os campos: parte da primeira década do século XX, quando os diálogos em torno da relação Psicanálise e Educação têm início com Sándor Ferenczi e Oskar Pfister, dentre outros autores contemporâneos de Freud, para em seguida transitar pelos estudos psicanalíticos no campo da Educação desenvolvidos no Brasil ao longo dos últimos 100 anos. Conclui-se que, transcorridos mais de um século da invenção de Sigmund Freud, os limites e alcances das interlocuções Psicanálise e Educação não cessam de (não) se inscrever, sobretudo a partir da década de 1990, mediante a realização de eventos científicos e publicações cada vez mais crescentes de livros, artigos, monografias, dissertações de mestrado e teses de doutorado produzidas no âmbito de uma pluralidade de linhas de pesquisas, em universidades brasileiras e internacionais.

Palavras-chave: psicanálise e educação, pesquisa em psicanálise, percurso histórico.

(IM)POSSIBLE LIMITS AND REACHES BETWEEN PSYCHOANALYSIS AND EDUCATION: FROM FREUD'S TIME TO THE PRESENT

ABSTRACT: The purpose of this article is to discuss the interface between Psychoanalysis and Education. To this end, a historical journey is made through attempts to bring the fields closer together: part of the first decade of the twentieth century, when the dialogues around the relationship between Psychoanalysis and Education began with Sándor Ferenczi and Oskar Pfister, among other contemporary authors of Freud, and then transit through psychoanalytic studies in the field of Education developed in Brazil over the last 100 years. It is concluded that, more than a century after the invention of Sigmund Freud, the limits and scope of the Interlocutions Psychoanalysis and Education do not cease (not) to be inscribed, especially from the 1990s onwards, through the holding of scientific events and publications growing number of books, articles, monographs, master's dissertations and doctoral theses produced within the scope of a plurality of lines of research, in Brazilian and international universities.

Keywords: psychoanalysis and education, research in Psychoanalysis, historical rescue.

LÍMITES Y ALCANCE (IM)POSIBLES ENTRE PSICOANÁLISIS Y EDUCACIÓN: DESDE LA ÉPOCA DE FREUD HASTA EL PRESENTE

RESUMEN: El propósito de este artículo es discutir la interfaz entre Psicoanálisis y Educación. Para ello, se hace un recorrido histórico por los intentos de acercar los campos: parte de la primera década del siglo XX, cuando se inician los diálogos en torno a la relación entre Psicoanálisis y Educación con Sándor Ferenczi y Oskar Pfister, entre otros autores contemporáneos. de Freud, para luego transitar por los estudios psicoanalíticos en el campo de la Educación desarrollados en Brasil en los últimos 100 años. Se concluye que, a más de un siglo de la invención de Sigmund Freud, los límites y alcances de las Interlocuciones Psicoanálisis y Educación no dejan (no) de inscribirse, especialmente a partir de la década de 1990, a través de la realización de eventos y publicaciones científicas. número creciente de libros, artículos, monografías, disertaciones de maestría y tesis doctorales producidos en el ámbito de una pluralidad de líneas de investigación, en universidades brasileñas e internacionales.

Palabras clave: psicoanálisis y educación, investigación en psicoanálisis, trayectoria histórica.

INTRODUÇÃO

Este texto emerge de leituras e reflexões construídas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília (PPGE/UnB), Linha de Pesquisa Escola, Aprendizagem, Ação Pedagógica e Subjetividade na Educação (EAPS), e é repercussão da pesquisa de doutorado em desenvolvimento inscrita no campo teórico Psicanálise e Educação.

As discussões estão organizadas em duas seções: i) inicialmente nos situamos no “tempo de Freud” para discutir a interlocução Psicanálise e Educação a partir dos esforços iniciais empreendidos por autores como August Aichhorn, Charles Baudouin, Hans Zulliger, Oskar Pfister, Sándor Ferenczi e Siegfried Bernfeld, dentre outros; e ii) na sequência, apresentamos estudos psicanalíticos no campo da Educação, desenvolvidos em nosso país entre 1920-2020.

PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO: DO TEMPO DE FREUD AOS DIAS DE NOSSO TEMPO

Sigmund Freud (1856-1939) é internacionalmente (re)conhecido como “o pai da Psicanálise”, *ciência da psique* que tem o inconsciente como objeto de estudo. Importante dizer que pesquisadores anteriores à Psicanálise já haviam se referido à existência desse “aspecto desconhecido e pouco frequentado do psiquismo humano”, entretanto, coube a Freud “explicar seu dinamismo e estabelecer as bases de uma clínica que tivesse o inconsciente como núcleo” (ENDO; SOUSA, 2018, p. 11), o que permite-nos dizer que ao reinventar o que se sabia sobre a psique e, assim, instaurar uma ruptura com toda a tradição do pensamento ocidental cartesiano e racional, esse autor ocupa o lugar de “fundador de uma forma muito particular e inédita de produzir ciência e conhecimento” (Ibid., p. 7).

Apresentada intencionalmente em 1900, na virada do século XIX, a Psicanálise surge com a promessa de construir novos conhecimentos sobre o mundo psíquico e disposta a questionar nossas certezas em relação a nós mesmos a partir do pressuposto de que *o inconsciente pensa*. Assim, desaloja a consciência de seu lugar de centro, contrariando a Psicologia em suas tentativas de explicar os processos psíquicos e o comportamento humano. Endo e Sousa (2018, p. 7) pontuam que os estudos de Freud “sobre a vida inconsciente, realizados ao longo de toda a sua vasta obra, são hoje referência obrigatória

para a ciência e para a filosofia contemporânea”, haja vista que sua influência “no pensamento ocidental não só é incontestável como não cessa de ampliar seu alcance, dialogando com e influenciando as mais variadas áreas do saber”, dentre as quais as artes, a literatura, a política, a filosofia, a neurociência e o campo da educação.

Quanto à relação Psicanálise e Educação, Lajonquière (2010, p. 32) observa que com a introdução pela Psicanálise de “uma forma radicalmente outra de pensar o “homem” e a sua relação consigo mesmo, não foram poucos contemporâneos e seguidores que se interrogaram – e ainda hoje se interrogam – sobre as implicações de sua singular criação para a educação”. Conforme Pereira (2017, p. 9), as tentativas de interlocuções Psicanálise e Educação remontam ao início do século XX: “desde os primórdios da psicanálise, a educação foi tema de pesquisa e intervenção por parte de estudiosos das teorias do inconsciente”.

Destarte, apenas oito anos após a publicação de *A interpretação dos sonhos* (FREUD, 1900) – obra inaugural da Psicanálise –, o psicanalista húngaro Sándor Ferenczi (1873-1933) – um dos discípulos e colaboradores pioneiros de Freud –, fez o primeiro pronunciamento público que se tem conhecimento sobre as relações Psicanálise e Educação, durante reunião com psicanalistas freudianos em 1908 na cidade de Salzburgo (Áustria). Nessa conferência, ao discorrer sobre o tema Psicanálise e Pedagogia, Ferenczi “questiona, em nome da psicanálise, o caráter repressivo da educação da época e vê na pedagogia um ‘caldo de cultura das neuroses mais diversas’, que negligencia a real psicologia do homem, cultiva o recalque das emoções e leva a uma ‘cegueira introspectiva’” (FILLOUX, 1997, p. 8 *Apud* CIFALLI e MOLL, 1985, grifos do autor).

Em 1913, cinco anos após essa primeira alusão de Ferenczi, o pedagogo, filósofo, teólogo e pastor protestante suíço Oscar Pfister (1873-1956), um grande admirador de Freud, publicou a obra *O Método psicanalítico*, na qual busca interligar a psicanálise à pedagogia, como tentativa de introduzir as descobertas freudianas nos cursos de formação de educadores e pastores. Convidado para prefaciar esse livro, Freud admite a possibilidade de “sua psicanálise” alcançar outras disciplinas, para dialogar com elas: “Possam o uso da psicanálise a serviço da educação trazer a realização das esperanças que educadores e médicos põem nela! Um livro como este de Pfister, que se propõe dar a conhecer a psicanálise aos educadores, poderá então contar com a gratidão das gerações futuras” (FREUD, 1913, n.p.).

Importante registrar que antes da publicação do referido livro, Pfister – que não escondia sua paixão pela psicanálise, embora discordasse de Freud em relação a alguns pontos, como a questão religiosa – apresenta suas reflexões iniciais sobre as possibilidades de a psicanálise vir a fertilizar a educação em *Ideia delirante e suicida dos estudantes* e *Cuidado psicanalítico das almas e pedagogia moral*, dois textos elaborados à luz de suas vivências como educador e pastor ligado à Igreja Reformada Suíça, nos quais faz referência à “pedanálise”, expressão criada para nomear uma possível pedagogia que considerasse as descobertas da psicanálise. Destarte, esses dois escritos de Pfister encaminhados a Freud em 1909 marcam o início de uma estreita amizade que se estenderia por toda a vida, pois durante quase 30 anos ambos trocariam correspondências regularmente: 134 manuscritos de Freud, como cartas, bilhetes, telegramas e cartões-postais, foram entregues a Anna Freud (1895-1982) pelo próprio admirador de seu pai, autorizando “se servir do material apropriado” desde que não fosse levado a público nada “que pudesse ferir pessoas vivas” (FILLOUX, 1997; FREUD e MENG, 2009; LAJONQUIÈRE, 2010).

Mobilizado por propósitos religiosos, Pfister publicaria *O campo da Pedanálise* (1917), no qual propõe uma pedagogia psicanalítica cuja finalidade seria “conduzir as forças inconscientes ao caminho

do bem”, com vistas ao desenvolvimento da moralidade, sugerindo que o educador deveria “funcionar como analista” e simultaneamente “lembrar-se de que persegue um fim moral”; assim, mesmo cômico de que a psicanálise e, portanto, o analista, não pode fixar-se como modelo ideal, defendia a ideia de um educador que servisse de modelo de identificação de vida e de pensamento para as crianças e jovens (KUPFER, 1989, p. 67). Embora sua pretensão de uma pedagogia psicanalítica nos moldes idealizado pouco tenha repercutido na época, contribuiu, mais tarde, para a criação da psicanálise de crianças.

Em carta datada de 10/09/1926, cinco anos após a publicação de várias conferências sob o título *A psicanálise a serviço dos educadores* (1921), Pfister escreve a Freud: “Os pedagogos têm aceitado muitas coisas e, de todos os lados, ouço que a análise vai ocupando cada vez mais o centro dos interesses”, mas ressalta que os colegas teólogos, por sua vez, “envolveram-se demais numa tola disputa por princípios, em vez de se preocuparem com o bem-estar psíquico dos laicos – e o seu próprio” (FREUD e MENG, 2009, p. 136), o que caracteriza o contínuo investimento desse autor no complexo relacionamento psicanálise-educação (expresso na idealização de uma pedagogia que levasse em consideração as descobertas da psicanálise) e psicanálise-religião (aposta numa psicanálise que estivesse a serviço da cura analítica de almas).

No texto *Psicanálise e educação, pontos de referência*, Filloux (1997, p. 9) dá a entender que Freud reconhecia Pfister como aquele que “inaugurou” a aplicação da psicanálise à pedagogia. Se recorrermos às cartas compartilhadas entre Freud e Pfister, veremos, de fato, que aquele elogiava este pelas tentativas de aproximar psicanálise e educação, como revela carta datada de 21/11/1926, na qual Freud mais uma vez confessa seu interesse pelos trabalhos de Pfister: “Estou bem disposto a arranjar um lugar especial na estante de livros para as traduções de suas obras, se o senhor quiser doá-las a mim”. E parabeniza-o, logo em seguida, pelos esforços intelectuais empregados na “aplicação” da psicanálise ao campo da pedagogia: “De fato, entre todas as aplicações da psicanálise, floresce unicamente a inaugurada pelo senhor, a da pedagogia. Alegro-me muito que minha filha esteja começando a produzir algo nesta área” (FREUD, 1926, Carta 77, *Apud* FREUD e MENG, 2009, p. 139).

Neste sentido, registros históricos evidenciam que, além de Pfister, há outros intelectuais partícipes dessa “inauguração” da aplicação da psicanálise à pedagogia. Conforme ratifica Lajonquière (2010, p. 32-33), “a lista de interessados na incidência da psicanálise no campo educativo comporta decididos pedagogos e educadores que, já no começo do século XX, entusiasmados com a psicanálise, “aplicaram-na” à educação”, dentre os quais August Aichhorn, Charles Baudouin, Hans Zulliger e Siegfried Bernfeld.

Considerado um dos fundadores da “educação psicanalítica”, August Aichhorn (1878-1949) atuou como educador e psicanalista em clínicas e instituições educacionais destinadas a adolescentes “delinquentes, problemáticos e antissociais”, reconhecido atualmente pelo seu pioneirismo ao aproximar a psicanálise do tema da delinquência juvenil – campo que hoje denominamos de socioeducação. Sabe-se que Aichhorn recorreu à psicanálise em 1922, quando ingressou na Sociedade Psicanalítica de Viena influenciado pela filha caçula de Freud, a educadora e psicanalista Anna Freud, que se interessava pela clínica com crianças (GURSKI; MORAES; GOMES, 2016).

Ainda que Aichhorn seja autor de vários textos que articulam psicanálise e educação (alguns dos quais reproduzidos em coleções póstumas), sua obra mais conhecida é *Vervahrloste Jugend [Juventude Abandonada]*, prefaciada por Freud, que reafirma seu apoio às possíveis interlocuções entre psicanálise e educação desde que se preserve a identidade e o lugar que ocupa cada uma, pois entende que a educação

no âmbito escolar jamais poderia ser confundida ou substituída pela psicanálise, mas com ela suscita diálogos: “[...] o trabalho da educação é algo *sui generis*, que não pode ser confundido com a influência mediante a psicanálise nem ser substituído por ela. A psicanálise infantil pode ser utilizada pela educação como recurso auxiliar; mas não tem condição de tomar o lugar dela” (FREUD, 1925, p. 349). No mesmo prefácio, Freud reitera sua posição quanto à viabilidade de descobertas da psicanálise serem resgatadas e “ressignificadas” pelo campo da educação: “Nenhuma das aplicações da Psicanálise excitou tanto interesse e despertou tantas esperanças, e nenhuma, por conseguinte, atraiu tantos colaboradores capazes, quanto seu emprego na teoria e prática da Educação” (Ibid.).

Siegfried Bernfeld (1892-1953), de ascendência judaica, um dos psicanalistas de primeira geração que mais conquistou protagonismo nas duas décadas anteriores à Segunda Guerra Mundial, em vários momentos foi reconhecido pelo próprio Freud como importante intelectual na e para a psicanálise. Com formação pela Universidade de Viena em Psicologia, Filosofia, Psicanálise, Sociologia e Educação (manifestava curiosidade pelas ideias pedagógicas da revolucionária educadora e médica Maria Montessori), publicou em 1925 *The psychology of the infant* e a primeira edição da obra *Sisyphos oder die Grenzen der Erziehung*, pela editora Internationaler Psychoanalytischer Verlag. Crente que a prática educativa é forjada sob influência do contexto social e que o professor e sua formação são marcados pela ideologia dominante imposta pelo seu tempo, o autor nesse último texto tece sérias críticas à pedagogia da época, posicionando-se em defesa de uma educação escolar que valorizasse e escutasse as necessidades dos estudantes e contrariasse o autoritarismo presente nas relações pedagógicas.

Destarte, essa concepção de educação, advinda da relação com o socialismo e a própria psicanálise (Bernfeld foi um dos precursores do freudo-marxismo), aparece inscrita na idealização da Long Garden – uma “colônia infantil” que criou e administrou visando o acolhimento de crianças judias e refugiadas, para as quais buscou propiciar uma educação sustentada em bases antiautoritárias (HORTELANO, 1997). Importante assinalar que, ao longo dos 61 anos de vida, Bernfeld publicou numerosos textos com oportunas reflexões para pensarmos as “questões de sua época” e as “questões dos nossos dias”, especialmente quanto à complexa relação entre psicanálise-educação-marxismo, tripé que norteou parte significativa de seus investimentos intelectuais e políticos.

Hans Zulliger (1893-1965), por sua vez, professor e psicanalista suíço, autor de várias obras produzidas com o intuito de discutir a “aplicação” da psicanálise na educação de adolescentes e crianças em idade escolar, dentre as quais *Psychoanalytische Erfahrungen aus der Volksschulpraxis*, publicada em 1921, e *Aus dem unbewussten Seelenleben unserer Schuljugend*, de 1923. Leitor entusiasta das obras de Freud, Zulliger foi analisando de Oskar Pfister, com quem idealizou a criação da disciplina Pedagogia Psicanalítica, cujos estímulos repousam na defesa da transposição da situação clínica para a instituição escolar com vistas à “psicanalização” dos alunos como possível estratégia norteadora de intervenções pedagógicas, conforme obra *As crianças difíceis*, publicada em 1946. Zulliger acreditava que com a psicanálise na escola, como afirma em texto de 1928, os métodos de ensino e outras questões que interferem no processo de ensino-aprendizagem poderiam ser reanalisadas e fertilizadas pelos referenciais psicanalíticos. Em *As crianças difíceis*, Zulliger, que se tornou analista de crianças e psicanalisava seus alunos, deslocando a situação clínica para dentro do espaço escolar, pontua que a partir da aplicação da psicanálise na escola foi possível “liberar” alguns alunos “de suas inibições no campo da aprendizagem, da hostilidade e da agressão, da falta de amizades, da incontinência noturna, dos sentimentos de culpa provocados pela masturbação,

assim como de roubos impulsivos e de outros sintomas similares” (ZULLIGER, 1946, p. 25 *Apud* KUPFER, 1989, p. 68-69).

Quanto a Charles Baudouin (1893-1963), autor psicanalista franco-suíço de muitos livros, dentre os quais *L'Âme infantine et la psychanalyse*, publicado em 1931 e considerado um dos clássicos da educação psicanalítica. Além de Aichhorn, Anna Freud, Baudouin, Bernfeld, Ferenczi, Pfister e Zulliger, outros psicanalistas “do tempo de Freud” interessados na articulação psicanálise e educação podem ser acrescidos, tais como Vera Schmidt, Wilhelm Reich e Melanie Klein.

Vera Schmidt (1889-1937) foi uma pedagoga e psicanalista russa, membro-fundadora da Sociedade Psicanalítica Russa e criadora do Jardim de Infância Experimental, conhecido como Laboratório Lar da Infância, instalado em Moscou quatro anos após a Revolução Russa de 1917 com o objetivo de promover experiências pedagógicas diferentes daquelas associadas à pedagogia tradicional da época, por meio da proposição de uma educação não coercitiva e libertária que combinasse princípios do marxismo e da psicanálise, como também fizera Bernfeld com sua proposta de educação antiautoritária. Juntamente com psicanalistas como Hermine Hug-Hellmuth (1871-1924), Sabina Spielrein (1885-1942) e Tatiana Rosenthal (1884-1921), dentre outras, está entre as fundadoras da psicanálise infantil (SCHMIDT, 2014).

Wilhelm Reich (1897-1957), por sua vez, importante psiquiatra e psicanalista austríaco, também autor de várias obras nas quais contempla o tema da educação, inicia pela abordagem das possibilidades de uma “psicoprofilaxia educativa das neuroses” – sob evidente influência das primeiras ideias freudianas sobre o papel da educação na profilaxia das neuroses – e perpassa pelas tentativas da formulação de uma “teoria da economia psíquica” e de uma “pedagogia econômico-sexual” que fossem, do ponto de vista prático, assimiláveis no campo da educação. Embora não fosse pedagogo, Reich traz em suas obras articulações interessantes sobre “sexualidade, criança e educação” à luz da psicanálise freudiana, apresentando-nos provocações oportunas para refletirmos sobre a “nossa educação” na contemporaneidade (MATTHIESEN, 2003; 2005).

Considerada uma psicoterapeuta pós-freudiana, a austríaca Melanie Klein (1882-1960), dedicada ao trabalho analítico com crianças, é reconhecida criadora da Psicanálise Infantil e um dos célebres nomes femininos na história da psicanálise. Produziu trabalhos ainda muito debatidos na atualidade, introduzindo valiosos conceitos e novas formas de pensamento e teorias – discutidas no campo da educação – voltadas para os primeiros estágios da vida psíquica e para a questão dos mecanismos de introjeção/projeção e das fantasias inconscientes tanto em crianças como em adultos, com aproximações e distanciamentos em relação às ideias freudianas que culminaram no que conhecemos como “pensamento kleiniano”.

Em vários momentos de sua vida e obra, Freud externou que os interesses da Psicanálise são múltiplos e para além do âmbito estritamente psicológico e terapêutico, como manifestou em 1913 na revista italiana *Scienza*, com a publicação do artigo *O interesse científico da psicanálise*, no qual menciona que a então recém-nascida ciência do inconsciente não hesita tocar em várias esferas do conhecimento, expressando, assim, sua pretensão de expandir as fronteiras da psicanálise ao sugerir o estabelecimento de diálogos com os saberes filológicos, filosóficos, biológicos, históricos, estéticos, sociológicos e educacionais. Nesse texto, Freud afirma que o interesse da psicanálise não se encerra nos aspectos psicoterapêuticos, pois – ao partir da lei do inconsciente que opera sobre o sujeito (do desejo) e que surpreende o homem em suas relações com o mundo da cultura e da linguagem mediadas pela

subjetividade de cada época – se vê atravessada por diferentes questões advindas de outros campos do conhecimento: então afirma, de um lado, o interesse psicológico da psicanálise e, de outro, não desautoriza o múltiplo interesse da reflexão metapsicológica da psicanálise para as ditas “ciências não psicológicas” (FREUD, 1913) e a pertinência de suas “aplicações não médicas” (FREUD, 1932), citando como exemplo o campo da educação (e da pedagogia), ao qual faz referência nessas e noutras oportunidades, como em *Um estudo autobiográfico* (1924), no prefácio de *Juventude Abandonada* (AICHHORN, 1925), em *A questão da análise leiga* (1926), *O futuro de uma ilusão* (1927) e em *Explicações, aplicações e orientações* (1933), dentre outros.

Embora a esperança de Freud numa “outra educação”, numa “educação para a realidade, atrevesse seus textos, as proposições freudianas sobre a “aplicação da psicanálise à educação” aparecem inicialmente associadas à ilusão profilática, como é possível verificar em *O esclarecimento sexual das crianças* (FREUD, 1907) e *A moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno* (FREUD, 1908). Uma leitura atenta da obra freudiana nos deixa com a sensação de que, de certa forma e até certo ponto, ainda que nos deparemos com um “primeiro Freud” e um “segundo Freud” em matéria de ensino, como pontua Lajonquière (2010), as ideias de Freud não desgrudam completamente da “questão profilática”, já questionada por ele em *Análise de uma fobia de um menino de cinco anos* (FREUD, 1909) e problematizada em 1932, na Conferência XXXIV.

De acordo com Filloux (1997, p. 9), a ideia de uma “aplicação” da psicanálise à educação (ou à pedagogia) aparece nos discursos de Freud desde o início do século XX: a educação, de um lado, “é vista como um fator de vocação virtual ou realmente patogênica, na medida em que a repressão social das pulsões é fator de neuroses”, e de outro lado, “ela pode se tornar uma incitação, um auxílio para o domínio do princípio do prazer através da adaptação à realidade e à sublimação”, de modo que o próprio processo terapêutico revela-se imbuído de um aspecto educativo, “sendo a cura uma espécie de educação tardia, de pós-educação”. Em 1913, no prefácio do livro de Pfister, Freud reitera essa aposta ao sustentar uma possível articulação entre a educação e a profilaxia das neuroses, concebendo terapia e educação como se de alguma forma “completassem”: nesse período, suas ideias emergiam da crença de que as neuroses poderiam ser prevenidas mediante uma “educação apropriada” (LAJONQUIÈRE, 1999; 2010), haja vista que, em conformidade com o tipo de educação empregada, as neuroses poderiam ser prevenidas ou agravadas.

A esse respeito, Freud afirmava que a educação, ao assumir o caráter profilático, deveria atuar na prevenção e impedimento da formação das neuroses, enquanto a (psico)terapia, ao orientar-se por meio da reeducação, deveria corrigir a patologia e estar a serviço do impedimento de uma evolução mórbida do mal-estar psíquico: “É nas mãos de uma educação psicanaliticamente esclarecida que repousa o que podemos esperar de uma profilaxia individual das neuroses” (FREUD, 1913 *Apud* FILLOUX, 1997, p. 10).

Entretanto, doze anos mais tarde, quando prefacia o livro de Aichhorn, essa “visão otimista” de uma “educação psicoprofilática” à luz da psicanálise (LAJONQUIÈRE, 1999; 2000; 2010) dá lugar a uma concepção de educação entrelaçada de novos sentidos, pois, a essa altura de sua elaboração teórica, Freud já havia reestruturado seu esquema de formação das neuroses e reeditado seu olhar acerca dos laços entre psicanálise, educação e pedagogia; estas, agora, são vistas para além da aposta na possibilidade de profilaxia das neuroses, abrangendo a ideia de que trabalho educativo e intervenção psicanalítica, dada a natureza de cada uma dessas duas áreas, não devem ser confundidas e/ou substituídas uma pela outra.

Reitera que o trabalho educativo é *sui generis*, sua natureza especialmente singular e, portanto, díspar em relação à intervenção psicanalítica. A psicanálise, para Freud, “pode ser convocada pela educação como meio auxiliar de lidar com uma criança, porém não constitui um substituto apropriado para a educação. Tal substituição não só é impossível em fundamentos práticos, como também deve ser desaconselhada por razões teóricas” (FREUD, 1925, p. 162-163).

Na Conferência XXXIV, Freud (1933, p. 147) retoma posição de 1913 sobre “uma educação psicanaliticamente esclarecida”, quando expõe que considera importante a experiência de análise para o professor, pois “se considerarmos agora os difíceis problemas com que se defronta o educador [...] haveremos de dizer a nós mesmos que a única preparação adequada para a profissão de educador é uma sólida formação psicanalítica”. Sustenta que esses “difíceis problemas” que o educador encontra estão relacionados à necessidade “de reconhecer a individualidade constitucional da criança, de inferir, a partir de pequenos indícios, o que é que está se passando na mente imatura desta, de dar-lhe a quantidade exata de amor e, ao mesmo tempo, manter um grau eficaz de autoridade” (Ibid.).

Partindo do entendimento que é impossível assimilar a análise sem experimentá-la pessoalmente e revendo sua posição de outrora sobre o ideal de uma educação psicoprofilática junto aos educandos, Freud na referida Conferência pontua que “[a] análise de professores e educadores parece ser uma medida profilática mais eficiente do que a análise das próprias crianças, e são menores as dificuldades para pô-la em prática” (Ibid., p. 147). Noutras palavras, ao propor uma formação analítica para educadores, Freud estaria persuadido dos seus possíveis efeitos nos sujeitos aprendizes, na medida em que o agora “educador psicanalítico”, com os usos ou “aplicação” que poderia fazer dos “conhecimentos adquiridos *pela* (ou por *uma*) psicanálise [...] estaria munido de meios que lhe permitem tornar-se mais sensível à realidade educativa, inventar técnicas de “ajuda educativa”” (FILLOUX, 1997, p. 11).

Lajonquière (2010, p. 48) pontua que Freud, ao reconhecer “a dificuldade de se levar à prática a profilaxia junto às crianças, [...] esboça a análise dos educadores como possibilidade *sui generis* para que a educação venha de fato a encontrar seu devido caminho”, apostando numa “outra educação”, numa educação para além do sentido psicoprofilático, que fosse diferente daquela proposta pela pedagogia de sua época, uma educação que *fosse voltada para a realidade*, que levasse em consideração a dinâmica do desejo.

*A educação para a realidade não visa à produção da harmonia psíquica que faz falta e que, por isso mesmo, toda iludida pedagogia persegue neuroticamente. Freud apostava, então, numa humilde educação sem fundamento transcendental algum e, portanto, na possibilidade de que o homem já velho viesse saber que o “mundo não é uma *nursery*” (1932a: 3.197) ou, se preferirmos, relembrando seu texto *Considerações de actualidade sobre la guerra y la muerte* (1915), que o homem suportasse a vida preparando-se para a morte (LAJONQUIÈRE, 2010, p. 61, grifos do autor).*

É, pois, em *O futuro de uma ilusão*, de 1927, que Freud manifesta sua esperança em torno de uma “educação para a realidade”, que fosse libertada do fardo das doutrinas religiosas, de suas ilusões e repressões; ou seja, ainda que ele próprio admitisse parecer uma ideia irrealizável naquele momento, preferia acreditar e defender uma educação que fosse “pensada como uma educação além do *justificacionismo* pedagógico de cunho moral-religioso, hegemônico no mundo germânico da época” (LAJONQUIÈRE, 2010, p. 61, grifo do autor).

Entretanto, apesar de suas manifestações sobre a educação, Freud não era pedagogo; ele não tinha, digamos, “relação direta” com o campo da educação. Em *De Piaget a Freud: para uma clínica do aprender*, Lajonquière (2013) aborda essa questão quando afirma que Freud, nos dias atuais, é um nome desconhecido no campo pedagógico nacional, ainda que nos últimos anos, sobretudo após a década de 1990, no caso do Brasil, estudiosos interessados na interface Psicanálise-Educação tenham se dedicado às (im)possíveis articulações entre essas áreas. Entretanto, como lembra-nos o autor, Freud não foi pedagogo e “suas obras tampouco justificam pedagogia alguma [embora] tenham feito em algumas oportunidades comentários a título pessoal sobre a educação e a pedagogia”, mas sem “responder de forma sistemática às questões que articulam todo o discurso pedagógico ortodoxo” (LAJONQUIÈRE, 2013, p. 23).

Em *Figuras do infantil: a psicanálise na vida cotidiana com as crianças*, Lajonquière (2010, p. 32) reitera esse pensamento, pois embora não tenha desenvolvido reflexões sistemáticas sobre os fins e meios da educação, “não foram poucas as oportunidades nas quais Freud fez comentários sobre a educação, sobre a pedagogia de sua época, bem como até sobre a sua própria experiência como jovem colegial no *Erzherzog-Rainer-Realgymnasium* de Viena”. Em *Um estudo autobiográfico* (1924), Freud escreveu: “Eu próprio em nada contribuí para a aplicação da análise à educação. Era natural, entretanto, que as descobertas analíticas devessem atrair atenção de educadores e fazê-los ver os problemas delas sob uma nova luz”, e menciona, na ocasião, que “não é mais possível restringir a prática da psicanálise a médicos e dela excluir os leigos”, citando os esforços de psicanalistas como Pfister, Hug-Hellmuth e Bernfeld em relação à “aplicação” da psicanálise à educação (FREUD, 1924[1925], p. 40-41).

Em *Explicações, aplicações e orientações* (1932), Freud mais uma vez admite que, infelizmente, pouco ocupou-se de assuntos relacionados à pedagogia e mais uma vez expressa sua satisfação com a filha Anna Freud interessar-se pela questão das “aplicações da psicanálise à educação”, dando a entender que o investimento dela no campo da educação, de certa forma, pudesse reparar seu descuido e corrigir essa “falha” de não ter contribuído mais fortemente com esse tema. Conforme assegura:

Existe um tema, todavia, que não posso deixar passar tão facilmente – assim mesmo, não porque eu entenda muito a respeito dele, e nem tenha contribuído muito para ele. Muito pelo contrário: aliás, desse assunto ocupei-me muito pouco. Devo mencioná-lo porque é da maior importância, é tão pleno de esperanças para o futuro, talvez seja a mais importante de todas as atividades da análise. Estou pensando nas aplicações da psicanálise à educação, à criação da nova geração. Sinto-me contente com o fato de pelo menos poder dizer que minha filha, Anna Freud, fez desse estudo a obra de sua vida e, dessa forma, compensou a minha falha (FREUD, 1932, p. 98).

Como podemos observar, Freud via a educação como tema “da maior importância”, possivelmente “a mais importante de todas as atividades da análise”. Neste sentido, ainda que não tenha escrito alguma obra dedicada especificamente ao estudo do fenômeno da educação, ele não a tratou com descaso; pelo contrário, como pontua Kupfer (1989), longe de negligenciá-la, a educação foi uma temática que acompanhou Freud por toda a extensão de sua obra, com reflexões, análises e críticas acerca de diferentes questões a ela concatenadas. Conseqüentemente, essas reflexões, análises e críticas freudianas sobre questões ligadas à educação, acrescidas dos esforços empreendidos por pedagogos e educadores interessados na “aplicação” da psicanálise à educação desde o começo do século XX, serviram para incitar críticos pós-freudianos a se posicionarem em relação à incidência da psicanálise no campo educativo, no

Brasil e noutros países, munidos de argumentações favoráveis ou adversas quanto a *aproximação* de duas áreas notadamente marcadas por suas singularidades.

ESTUDOS PSICANALÍTICOS NO CAMPO DA EDUCAÇÃO EM NOSSO PAÍS: APONTAMENTOS HISTÓRICOS E ATUALIDADE

Em solo brasileiro, a primeira obra de cunho psicanalítico direcionada à educação parece ser o livro *Psychanalyse na Educação*, publicado em 1927, de autoria do pedagogo Deodato de Moraes, o qual, no ano seguinte, participou do processo de planejamento e realização do Curso de Psicanálise Aplicada à Educação oferecido no Rio de Janeiro pela Associação Brasileira de Educação, cuja programação curricular consta na primeira edição do livro *Ensaio de Psychanalyse*, do médico e professor universitário Júlio Pires Porto-Carrero, publicado em 1929 (ABRÃO, 2006; MERCADANTE, 2015). Porto-Carrero, ainda na década de 1920, publicou vários artigos sobre a incidência da psicanálise no campo educativo, movido pelo desejo de divulgar a teoria psicanalítica para professores e introduzi-los no pensamento freudiano, dentre os quais: *A psychanalyse na Liga Brasileira de Hygiene Mental* (1926), *O caracter do escolar segundo a Psychanalyse* (1927), *Leitura para crianças: ensaio sob o ponto de vista psychanalytico* (1928), *Instrução e educação sexuais* (1928), *Psychanalyse: a sua história e o seu conceito* (1928), *Educação sexual* (1929), *A arte de perverter: applicação psychanalytica à formação moral da criança* (1929), *O que esperamos dos nossos filhos* (1930), *Psicanálise de uma civilização* (1930), *A psicologia profunda ou psicanálise* (1932) e *Sexo e cultura* (1933).

Importante pontuar que nesse contexto histórico o ideário do movimento Escola Nova, já em circulação pelo Brasil desde o final do século XIX por iniciativa de Rui Barbosa (1849-1923), ganhava cada vez mais força, impulsionado por conhecidos intelectuais de “nossa história pedagógica”, como Anísio Teixeira (1900-1971), Fernando de Azevedo (1894-1974) e Lourenço Filho (1897-1970), dentre outros, que desejavam a renovação do ensino em oposição ao modelo tradicional vigente, coincidentemente no mesmo período em que a psicanálise chegava ao país e começava a influenciar educadores e críticos de outras áreas no sentido de, a partir dela, repensar temas caros à educação.

Neste sentido, Abrão (2006, p. 233) pontua que “a psicanálise, enquanto fundamento teórico e prático, forneceu elementos que contribuíram para a sustentação dos pressupostos filosóficos da “Escola Nova”, que surgiu, a partir da década de 1920, como alternativa ao ensino tradicional”. Esse momento histórico, marcado pelo ideário escolanovista que tecia críticas à pedagogia tradicional e buscava a renovação do ensino, se abria para o novo, para a ampliação dos saberes em relação à criança e seu lugar na escola, favorecendo, portanto, a inserção da psicanálise no meio educacional.

[...] a educação brasileira da década de 1920, período em que as influências psicanalíticas começaram a chegar ao país, encontrava-se em um processo de transformação, incorporando uma filosofia educacional que considerava a criança em toda a sua singularidade. Tal condição foi bastante propícia para a penetração das idéias psicanalíticas, uma vez que esta teoria dispunha de um arcabouço teórico bastante sedimentado e relativo ao desenvolvimento do psiquismo infantil, às relações interpessoais e aos problemas emocionais da criança, que davam sustentação à filosofia da “Escola Nova” (ABRÃO, 2006, p. 238).

Como assevera Abrão (2006), quando as concepções associadas à psicanálise de crianças começavam a ser difundidas no Brasil, nas décadas de 1920 e 1930, profissionais ligados à medicina e à

educação, entusiasmados com as propostas de Freud, buscaram empregar conceitos psicanalíticos nas discussões que teciam sobre temas relativos à educação, com a intenção de apresentar a psicanálise aos educadores e suas possíveis influências na educação. Segundo Abrão (2006), além do interesse em divulgar a teoria psicanalítica junto aos professores e pais, com a aposta na possibilidade de que, por meio da aprendizagem de conceitos psicanalíticos, pudessem compreender o comportamento dos alunos e os efeitos das práticas pedagógicas sobre eles, os primeiros autores brasileiros engajados nas tentativas de inserção da psicanálise no universo educacional acreditavam na potencialidade de uma intervenção profilática, influenciados pelo ideário higienista presente na psiquiatria brasileira daquele período que direcionava sua atenção para a área da saúde mental.

Ao empregarem a teoria psicanalítica na educação de crianças, estes autores tinham como meta uma intervenção de natureza profilática, proporcionando à criança condições favoráveis de desenvolvimento, de forma a evitar que o distúrbio de ordem emocional viesse a se instalar e comprometer o ajustamento de sua personalidade. Neste sentido, os professores deveriam ser informados sobre as hipóteses psicanalíticas relativas ao desenvolvimento infantil para melhor gerir a educação de seus alunos, compreender suas dificuldades escolares e, em última análise, formar indivíduos emocionalmente saudáveis (ABRÃO, 2006, p. 236).

Assim, de acordo com os levantamentos históricos feitos pelo autor, além de Deodato de Moraes e Porto-Carrero, outros educadores ou críticos pertencentes a “áreas não-pedagógicas”, seduzidos pela psicanálise recém-chegada ao país, também tentaram explorar “temas da educação”, dentre os quais: i) Arthur Ramos (1903-1949), com os livros *Educação e Psychanalyse* e *A criança problema*, publicados, respectivamente, em 1934 e 1939, além dos artigos *A tecnica da psychanalyse infantil* (1933), *Os furtos escolares* (1934), *A mentira infantil* (1937), *A dinâmica afetiva do filho mimado* (1938) e *O problema psicossociológico do filho único* (1938), dentre outros; ii) Hosannah de Oliveira (1902-1996), com os artigos *O complexo de Édipo em pediatria* e *A higiene mental do lactente*, publicados em 1932 e 1933, respectivamente; iii) Gastão Pereira da Silva (1897-1987), com a publicação de *Educação sexual da criança*, em 1934, e de *Como se deve evitar o drama sexual de nossos filhos*, em 1939; e iv) Pedro de Alcântara (1901-1979), com a publicação, em 1936, do artigo *Objecções da Psychanalyse ao uso da chupeta: análise e crítica*; dentre outros.

Na década seguinte, outros autores também buscaram explorar temas implicados na educação a partir de uma leitura psicanalítica, como fizera, por exemplo, o psiquiatra/psicanalista Durval Bellegarde Marcondes e a socióloga/psicanalista Virgínia Leone Bicudo. Durval Marcondes (1899-1981) foi um dos pioneiros do movimento psicanalítico no Brasil, entusiasta que divulgou as concepções de Freud no país por meio de trabalhos como *A higiene mental escolar por meio da clínica de orientação infantil* (1941), *Contribuição para o problema do estudo dos repetentes da escola primária: condições físicas, psíquicas e sociais* (1941), *Clínica de orientação infantil: suas finalidades e linhas gerais de sua organização* (1946) e *Noções gerais de higiene mental da criança* (1946). Virgínia Bicudo (1910-2003), por sua vez, a primeira mulher não médica reconhecida como psicanalista no Brasil, pioneira no debate de estudos raciais no campo da psicanálise e interessada na clínica da psique infantil, publicou os artigos *A visitadora social psiquiátrica e seu papel na higiene mental da criança* (1941), *Funções da visitadora psiquiátrica na clínica de orientação infantil e noções de higiene mental da criança* (1946) e *Papel do lar na higiene mental da criança* (1946), dentre outros.

Assim, conforme Abrão (2006, p. 233), os esforços no sentido de introduzir a psicanálise no meio educacional brasileiro na primeira metade do século XX ocorreram de formas distintas e

complementares: inicialmente, durante a década de 1920 até meados da década de 1930, por meio da “divulgação de informações teóricas relativas aos conceitos psicanalíticos e às características do desenvolvimento emocional da criança, por intermédio de livros e cursos destinados a educadores”, e, posteriormente, até aproximadamente 1950, “através da criação de uma prática de assistência ao escolar com problemas de aprendizagem ou comportamento, desenvolvida em clínicas de orientação infantil [de caráter profilático], que consistia na avaliação da criança e na orientação de pais e professores”, ou seja, por meio da aplicação da psicanálise à higiene mental escolar mediante atenção às manifestações sintomáticas dos estudantes.

Deste modo, é possível reconhecer que a psicanálise presente no Brasil desde o início da década de 1920, difundida principalmente pelos médicos psiquiatras, introduz-se no campo da educação enlaçada a uma espécie de convicção de que tem algo a ensinar, aplicar e prevenir, ocupando, portanto, durante o século XX, um “lugar de mestre” ao assumir a posição de um saber especialista, como sublinha Kupfer (1989, p. 70-71): “Na verdade, a Psicanálise tem comparecido aos encontros marcados [com a Educação] na condição de mestre, de transmissor de “verdades” sobre a criança que ela julga serem desconhecidas” por esse campo.

Inegável que esse lugar de saber especialista ocupado pela psicanálise em relação à educação ganha novas configurações a partir da segunda metade do século passado, quando Millot (1979), Kupfer (1989) e Lajonquière (1999), dentre outros, problematizam essa relação entre ambas, reafirmando que à psicanálise não cabe o papel de “aplicar” ou “positivar” nada no campo pedagógico/educativo. Em prefácio do livro *Figuras do Infantil*, de Lajonquière, Kupfer (2010, p. 13) acerca da conexão psicanálise e educação assevera: “falar de psicanálise no campo da educação não implica a defesa de uma *aplicação* de um campo sobre o outro. Ao contrário, penso [...] não haver nenhum interesse em proceder a uma colonização da psicanálise sobre a educação”. A psicanálise, segunda a autora, “não ilumina, não fala ou pensa sobre a educação, nem se coloca em posição de exterioridade”; talqualmente, sugere “supor o sujeito do inconsciente da psicanálise e o “sujeito cognoscente” da Psicologia como um só, e de ampliar o ato educativo de modo a incluir a dimensão libidinal inerente ao desejo” do sujeito que ensina e do sujeito que aprende (Ibid., p. 13). Portanto, em contraposição à ideia de aplicação, a autora acredita que, se o psicanalítico é colocado no âmago do educativo, em seu nó, em seu caroço, como pontua Lajonquière (2010), o ato educativo se torna um só, haja vista que o sujeito (do desejo) da psicanálise não é avesso ao sujeito da educação (esta, aliás, não é um objeto fora da cura e também se insere no campo da cultura).

Segundo Lajonquière (1999, p. 16-17), embora a relação entre psicanálise e educação venha se desenhando desde o início do século XX, é a partir de 1970 que, de fato, consolida-se o que ele nomeia de “*aproximação* psicanalítica ao campo educativo”, através de trabalhos assinados por autores como Mannoni (1973), Filloux (1974), Hameline (1976), Kaes e Anzieu (1976), Nimier (1976), Bigeault e Terrier (1978), Millot (1979) e Cifali (1982), dentre outros, inclusive brasileiros como Kupfer (1982) e Morgado (1989), que fomentaram discussões valiosas sobre “temas pedagógicos consagrados” ou sobre “aspectos implicados na educação”, à luz de “olhares psicanaliticamente orientados”.

No caso do Brasil, embora as produções em torno da relação psicanálise e educação tenham sido promissoras até o início da década de 1950, constata-se nos aproximadamente trinta anos seguintes escassez de publicações sobre o tema, com uma retomada ainda tímida durante a década de 1980 e sua expansão progressiva a partir dos anos 1990.

Como revela Barros (2016), sobre o que foi produzido no campo das articulações entre Psicanálise e Educação na segunda metade do século XX no Brasil dois períodos históricos podem ser identificados: i) o primeiro período, de 1950 a 1980, denominado de “período de latência”, marcado pela retração ou quase paralisação das produções relativas à Psicanálise e Educação, sob influência, inclusive, da Ditadura Militar (1964-1985), que, dada a sua natureza antidemocrática, controlava a educação brasileira e coibia espaços de ação e formas de pensar contrários aos interesses do governo, repercutindo no afastamento da Psicanálise – vista como subversiva – do campo educacional; e ii) o segundo período, de 1990 a 2000, marca a retomada efervescente das publicações acerca dos possíveis encontros e desencontros entre essas duas áreas de conhecimento, com retorno a Freud e um *boom* de produções sobre diferentes “temas educacionais”, aspirando, de um lado, recuperar aquilo que até então se tinha pensado nas décadas anteriores em torno da articulação Psicanálise-Educação e, de outro, traçar os novos rumos dessa relação e suas possíveis contribuições. Nas palavras da autora:

[...] identificamos dois períodos que marcaram a inserção e apropriação da teoria psicanalítica no contexto educacional brasileiro entre as décadas de 1950 e 2000. O primeiro período, de 1950 a 1980, denominado nesta dissertação como período de latência, foi marcado por tempo de desencontros e caracterizado por um longo percurso de estagnação em torno das produções brasileiras entre psicanálise e educação. Diante das contribuições que não reverberaram de forma significativa no campo educacional na primeira metade do século XX, e marcada pela época mais cruel da ditadura militar, que abortou todas as iniciativas de se revolucionar a educação brasileira, a psicanálise se afasta do campo educativo e passa a organizar suas questões internas e investir no meio clínico. [...] O segundo período, entre 1980 e 2000, é marcado como um terceiro momento de articulação entre a psicanálise e a educação no Brasil, no qual, inicialmente, são retomados os trabalhos que trazem à luz os escritos de Freud e de outros autores, na tentativa de repensar novos rumos e redefinir o que viria a ser uma contribuição ao campo das articulações entre a psicanálise e a educação no Brasil (BARROS, 2016, p. 101-102).

Entretanto, observa-se que os diálogos em torno dos limites e alcances de uma aproximação entre Psicanálise e Educação nunca estiveram – e ainda não estão – imunes de controvérsias. Pelo contrário, as tentativas de enlaces sempre foram cercadas de desconfianças, resistências e objeções. A esse respeito, Kupfer (2013) lembra-nos que a Psicanálise e a Pedagogia, do ponto de vista teórico-epistemológico, são disciplinas que se opõem em estrutura, razão que parece impossibilitar a criação de uma “pedagogia psicanalítica” (no sentido de que teria os mesmos fins que a cura analítica) ou de uma “pedagogia analítica” (no sentido de que se inspiraria no método analítico para o transpor à relação pedagógica).

As mesmas problematizações são incisivamente feitas pela psicanalista lacaniana francesa Catherine Millot em *Freud antipedagogo*, obra clássica publicada em 1979 na França e em 1987 no Brasil, na qual a autora questiona a aplicabilidade ou não da psicanálise à pedagogia e se mostra bastante hostil às tentativas de conexão entre psicanálise e educação, pois, para ela, o psicanalista deveria deixar a pedagogia a cargo do pedagogo e o pedagogo deveria deixar a psicanálise para o psicanalista, sendo inviável qualquer empreendimento no sentido de buscar alguma integração. Lajonquière (1999) e Kupfer (2013), ao discorrerem criticamente sobre as formulações de Millot, concordam que a pretensão de criar uma “pedagogia analítica” seria mesmo impossível, mas ressaltam que pedagogia e educação, ainda que compartilhem congruências, não são a mesma coisa e, portanto, não devemos confundir uma com a

outra. Neste sentido, se entendemos que a pedagogia busca um “saber positivo sobre como ajustar *meios* de ação a *fins* existenciais estabelecidos a *priori*”, deveríamos ignorar a pedagogia, ou seja, deixá-la de fora mesmo do trabalho em torno da conexão educação e psicanálise (LAJONQUIÈRE, 1999, p. 29 *Apud* KUPFER, 2013, p. 23).

No texto *Psicologia, psicanálise e educação: três discursos diferentes?*, Almeida (1993) enfatiza que o interesse comum compartilhado por essas áreas do conhecimento é a busca pela compreensão do ser humano – esse sujeito complexo e ainda tão desconhecido –, em torno do qual as disciplinas mencionadas produzem diferentes discursos, a partir do objeto que constitui o campo de investigação de cada uma, dos métodos que lhe são próprios e das suas conseqüentes elaborações teóricas. Assim sendo, para a autora, o elo gerador de inter-relações e divergências entre a Psicologia, a Psicanálise e a Educação reside em nós mesmos, ou seja, é o próprio ser humano, “na medida em que ele aparece fragmentado, cindido, objetivado, subjetivado, educável, condicionado, recalçado, neurotizado, conforme o recorte que a ciência faz ao discursar sobre o “objeto” homem” (ALMEIDA, 1993, p. 19). Assim, embora sejam disciplinas que se contrapõem em estrutura por efeito do viés teórico-epistemológico que norteia cada uma, o objeto de investigação da Psicologia, da Psicanálise e da Educação está situado no “ser humano”; este que, uma vez concebido e nascido no seio de uma organização social constituída pela palavra e pela linguagem, está, desde o princípio, submetido à Lei do desejo, da ordem, cultura, linguagem e do simbólico, exposto aos efeitos das estruturas históricas, sociais, culturais.

Almeida (1993, p. 25) entende que “a educação é práxis por excelência e constitui um campo de aplicação privilegiado das ciências humanas e sociais, bastante propício ao trabalho interdisciplinar, quicá, transdisciplinar”. Então reflete sobre as relações que o discurso psicanalítico pode estabelecer com a educação concebida como práxis, à luz do que seria uma “educação psicanaliticamente esclarecida” proposta por Freud (1913) em *O interesse científico da psicanálise*. Pontua que:

[...] uma educação psicanaliticamente esclarecida envolveria a compreensão, por parte dos educadores, dos diferentes problemas que se relacionam ao desenvolvimento psicosssexual da criança; do reconhecimento da importância das bases afetivas da aprendizagem; do papel fundamental, no contexto pedagógico da escola, dos fenômenos de transferência entre alunos e educadores; da relevância, no processo de desenvolvimento da sexualidade e da identidade, dos modelos de identificação; do reconhecimento que é do desejo do outro que a criança se reconhecerá. São muitos os ensinamentos oriundos da teoria psicanalítica que poderiam se estender à prática educativa (ALMEIDA, 1993, p. 29).

Retomando Lajonquière (2010, p. 32), embora seja consenso “tanto no meio psicanalítico quanto no interior dos estudos educacionais [...] que Freud não pode ser considerado um pedagogo, no sentido pleno do termo”, as produções teórico-práticas socializadas desde 1900 pela vasta lista de intelectuais interessados nas possíveis incidências da psicanálise no campo educativo nos levam a admitir que a “invenção [de Freud] – estou pessoalmente persuadido – não deve ser ignorada ao se tratar de educação” (Ibid., p. 37).

Sobre o dever das possíveis articulações Psicanálise-Educação, retomamos Freud (1925) quando pontua com meridiana clareza que, provavelmente, essa relação entre ambas seria tema de futuras investigações pormenorizadas. Pois bem, decorrido quase um século, o interesse pelas discussões em torno – e para além – da interface Psicanálise e Educação não cessa de (não) se escrever, sobretudo nas

últimas décadas, mediante realização de eventos científicos e de publicações cada vez mais crescentes de livros, artigos, monografias, dissertações de mestrado e teses de doutorado produzidas no âmbito de uma pluralidade de linhas de pesquisas, em universidades brasileiras e internacionais.

(IN)CONCLUSÃO

Pretendeu-se, aqui, historicizar e contextualizar a relação Psicanálise e Educação, do “tempo de Freud” aos dias de “nosso tempo”. Como vimos, a Psicanálise tem se reinventado e incitado o debate de variados assuntos, ontem e hoje, em diálogos permanentes com diferentes áreas do conhecimento, sendo uma dessas o campo da Educação. Entretanto, pensamos que essa *aproximação* precisa ser cuidadosa, atenta, inclusive, à lógica de uma colonização daquela sobre esta, pois não se trata de uma “aplicação” da Psicanálise à Educação.

Como sustenta Kupfer (2013, p. 123), à psicanálise não cabe iluminar a educação nem vice-versa: “a psicanálise, ao contrário, não vem positivar nada e não pode senão apontar para o real, à falta-para-ser”. Nesta perspectiva, parece-nos que o volume significativo e em contínua expansão de eventos e produções acadêmico-científicas dedicadas aos limites e alcances entre Psicanálise e Educação na atualidade, no Brasil e noutros países, talvez seja motivado exatamente pela “palavra não toda” e possíveis convergências por vezes entrelaçadas de ambiguidades e controvérsias presentes na relação entre ambas as áreas.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB) e o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília (PPGE/UnB).

REFERÊNCIAS

ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. As influências da psicanálise na educação brasileira no início do século XX. *Psic.: Teor. e Pesq.*, v. 22, n. 2, Brasília, p. 233-240, 2006. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/6598>. Acesso: 20 ago. 2022.

AICHHORN, August. *Vernahrloste Jugend: die Psychoanalyse in der Fürsorgeerziehung: zehn Vorträge zur ersten Einführung*. Herausgeber: Hogrefe AG, 2005 [1925].

ALCÂNTARA, Pedro de. Objecções da psychanalyse ao uso da chupeta: análise e crítica. *Revista da Associação Paulista de Medicina*, São Paulo, v. 9, n. 5, p. 385-387, 1936.

ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de. Psicologia, psicanálise e educação: três discursos diferentes? In: BUCHER, Richard; ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de (Org.). *Psicologia e psicanálise: desafios*. Brasília: Editora UnB, 1993, p. 19-31.

BARROS, Juliana Fernanda de. *Um estudo histórico no campo das articulações entre psicanálise e educação no Brasil: segunda metade do século XX*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). São Paulo: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2016.

BAUDOUIN, Charles. *L'Âme infantine et la psychanalyse*. Éditeur: Delachaux & Niestlé, 2012 [1931].

BERNFELD, Siegfried. *The psychology of the infant*. Editora: Andesite Press, 2017 [1925].

_____. *Sisyphos oder die Grenzen der Erziehung*. Leipzig: Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1925.

BICUDO, Virgínia Leone. A visitadora social psiquiátrica e seu papel na higiene mental da criança. *Revista de Neurologia e Psiquiatria de São Paulo*, São Paulo, v. 7, n. 6, p. 293-298, 1941.

_____. Funções da visitadora psiquiátrica na clínica de orientação infantil e noções de higiene mental da criança. In: MARCONDES, Durval Bellegard. (Org.). *Noções gerais de higiene mental da criança*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1946, p. 79-89.

_____. Papel do lar na higiene mental da criança. In: MARCONDES, Durval Bellegard. (Org.). *Noções gerais de higiene mental da criança*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1946, p. 101-110.

BIGEAULT, Jean-Pierre; TERRIER, Gilbert. *L'illusion psychanalytique en éducation*. Paris: PUF, 1978.

CIFALI, Mireille. *Freud pédagogue?* Paris: Interéditions, 1982.

CIFALI, Mireille; MOLL, Jeanne. *Pédagogie et psychanalyse*. Paris: Dunod, 1985.

ENDO, Paulo; SOUSA, Edson. Itinerário para uma leitura de Freud. In: FREUD, Sigmund. *Compêndio da psicanálise*. Porto Alegre: L&PM, 2018, p. 07-19.

FERENCZI, Sándor. Psychanalyse et pédagogie. In: CIFALI, Mireille; MOLL, Jeanne. *Pédagogie et psychanalyse*. Paris: Dunod, 1985.

FILLOUX, Janine. *Du contrat pédagogique*. Paris: Dunod, 1974.

FILLOUX, Jean-Claude. Psicanálise e educação, pontos de referência. *Estilos da Clínica*, v. 2, n. 2, São Paulo, p. 8-17, 1997. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/60714>. Acesso: 25 ago. 2022.

FREUD, Ernst; MENG, Heinrich. *Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939): um diálogo entre psicanálise e fé religiosa*. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2009.

FREUD, Sigmund. O esclarecimento sexual das crianças. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v. 9. Rio de Janeiro: Imago, 1976. Originalmente publicado em 1907.

_____. A moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas (1906-1909)*. v. 8. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. Originalmente publicado em 1908.

_____. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v. 10. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Originalmente publicado em 1909.

_____. O interesse científico da psicanálise. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1974. Originalmente publicado em 1913.

_____. A interpretação dos sonhos. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Originalmente publicado em 1900.

_____. Um estudo autobiográfico. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v. 20. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Originalmente publicado em 1925 [1924].

_____. A questão da análise leiga. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 20. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Originalmente publicado em 1926.

_____. O futuro de uma ilusão. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Originalmente publicado em 1927.

_____. Conferência XXXIV: Explicações, aplicações e orientações. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v. 22. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Originalmente publicado em 1933 [1932].

_____. Prefácio a O Método Psicanalítico, de Oskar Pfister. In: FREUD, Sigmund. *Obras Completas (1911-1913)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. Originalmente publicado em 1913.

_____. Prefácio a Juventude Abandonada, de Aichhorn. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Originalmente publicado em 1925.

GURSKI, Rose; MORAES, Larissa; GOMES, Paula Gus. August Aichhorn: uma obra abandonada? *SIG: Revista de Psicanálise*, Porto Alegre, v. 5, n. 9, p. 63-72, 2016. Disponível em: http://sig.org.br/bkp/wp-content/uploads/2018/07/Revista_sig_9_-completa.pdf. Acesso: 01 set. 2022.

HAMELINE, Daniel. *Le domestique et l'affranchi*. Paris: Editions Ouvrières, 1976.

HORTELANO, Xavier Serrano. *Contato, vínculo, separação: sexualidade e autonomia egóica*. São Paulo: Editora Summus, 1997.

KAES, René; ANZIEU, Didier. *Désir de former et formation de savoir*. Paris: Dunod, 1976.

KUPFER, Maria Cristina Machado. *Educação para o futuro: psicanálise e educação*. São Paulo: Escuta, 2013.

_____. Em defesa das crianças “tontas”. In: LAJONQUIÈRE, Leandro de. *Figuras do infantil: a psicanálise na vida cotidiana das crianças*. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 09-15.

_____. *Freud e a educação: o mestre do impossível*. São Paulo: Scipione, 1989.

_____. *Relação professor-aluno: uma leitura psicanalítica*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar) – Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 1982.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. *De Piaget a Freud: para uma clínica do aprender*. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. *Figuras do infantil: a psicanálise na vida cotidiana das crianças*. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. Freud, a educação e as ilusões (psico)pedagógicas. *Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, Porto Alegre, v. 9, n. 16, p. 27-38, 1999.

_____. Freud, sua “educação para a realidade” e a ilusão (psico)pedagógica de nossos dias. *Educação e Realidade*, Rio Grande do Sul, v. 25, n. 1, p. 15-23, 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/47306>. Acesso: 22 nov. 2022.

_____. *Infância e ilusão (psico)pedagógica: escritos de psicanálise e educação*. Petrópolis: Vozes, 1999.

MANNONI, Maud. *Éducation impossible*. Paris: Éditions du Seuil, 1973.

MARCONDES, Durval Bellegard. A higiene mental escolar por meio da clínica de orientação infantil. *Revista de Neurologia e Psiquiatria de São Paulo*, São Paulo, v. 7, n. 6, p. 252-258, 1941.

_____. Clínica de orientação infantil: suas finalidades e linhas gerais de sua organização. In: MARCONDES, Durval Bellegard. (Org.). *Noções gerais de higiene mental da criança*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1946, p. 43-48.

_____. Contribuição para o problema do estudo dos repetentes da escola primária: condições físicas, psíquicas e sociais. *Revista de Neurologia e Psiquiatria*, Salvador, v. 7, n. 6, p. 263-271, 1941.

_____. *Noções gerais de higiene mental da criança*. São Paulo: Martins Editora, 1946.

MATTHIESEN, Sara Quenzer. *A educação em Wilhelm Reich: da psicanálise à pedagogia econômico-sexual*. São Paulo: Editora: UNESP, 2005.

_____. Educação de educadores: pressuposto psicanalítico ou utopia reichiana? *Psicol. USP*, v. 14, n. 2, São Paulo, p. 17-34, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psup/a/cDtkCZt73dLq8sF5LpQs5ZJ/?lang=pt>. Acesso: 11 ago. 2022.

MERCADANTE, Jefferson. *A psicanálise entre a higiene mental e a Escola Nova na obra de Arthur Ramos: contribuições à história da educação no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar). São Paulo: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2015.

MILLOT, Catherine. *Freud antipedagogo*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2001. Originalmente publicado em 1979.

MORAES, Deodato. *A psicanálise na educação*. Rio de Janeiro: Mendonça, Machado & Cia Editores, 1927.

MORGADO, Maria Aparecida. *Ensaio sobre a sedução na relação pedagógica*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1989.

NIMIER, Jacques. *Mathématiques et affectivité*. Paris: Stock, 1976.

OLIVEIRA, Hosannah de. A higiene mental do lactente. *Archivos Brasileiros de Higiene Mental*, Maringá, v. 6, n. 2, p. 221-233, 1933.

_____. O complexo de Édipo em pediatria. *Bahia Medica*, Salvador, v. 3, n. 1, p. 306-309, 1932.

PEREIRA, Marcelo Ricardo. Psicanálise, educação e sintoma: uma introdução. In: PEREIRA, Marcelo Ricardo (Org.). *Os sintomas na educação hoje: o que fazemos com “isso”?* Belo Horizonte: Scriptum, 2017, p. 7-11.

PFISTER, Oskar. A ilusão de um futuro. In: WONDRACEK, Karin Hellen Kepler. (Org.). *O futuro e a ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 17-56. Originalmente publicado em 1928.

_____. *Psycho-analysis in the Service of Education, Being an Introduction to Psychoanalysis*. Editora: Andesite Press, 2017 [1921-1922].

_____. *The Psychoanalytic Method*. London: K. Paul, Trench, Trubner and company, ltd., 1917[1913].

PORTO-CARRERO, Júlio Pires. A arte de perverter: aplicação psychanalytica à formação moral da criança. In: PORTO-CARRERO, Júlio Pires. (Org.). *Ensaaios de psychanalyse*. Rio de Janeiro: Flores & Mano, 1929, p. 133-142.

_____. *A psicologia profunda ou psicanálise*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1932.

_____. A psychanalyse na Liga Brasileira de Hygiene Mental. In: PORTO-CARRERO, Júlio Pires. (Org.). *Ensaaios de psychanalyse*. Rio de Janeiro: Flores & Mano, 1929, p. 27-40. Original publicado em 1926.

_____. Educação sexual. *Archivos Brasileiros de Hygiene Mental*, Maringá, v. 2, n. 1, 1929. p. 120-133.

_____. *Ensaaios de psychanalyse*. Rio de Janeiro: Flores & Mano, 1929.

_____. Instrução e educação sexuais. In: PORTO-CARRERO, Júlio Pires. (Org.). *Ensaaios de psychanalyse*. Rio de Janeiro: Flores & Mano, 1929, p. 71-79. Original publicado em 1928.

_____. Leitura para crianças: ensaio sob o ponto de vista psychanalytico. In: PORTO-CARRERO, Júlio Pires. (Org.). *Ensaaios de psychanalyse*. Rio de Janeiro: Flores & Mano, 1929, p. 165-176. Original publicado em 1928.

_____. O caracter do escolar segundo a psychanalyse. In: PORTO-CARRERO, Júlio Pires. (Org.). *Ensaaios de psychanalyse*. Rio de Janeiro: Flores & Mano, 1929, p. 41-59. Original publicado em 1927.

_____. O que esperamos dos nossos filhos. *Revista da Associação Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 71-77, 1930.

_____. *Psicanálise de uma civilização*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1930.

_____. Psychanalyse: a sua história e o seu conceito. In: PORTO-CARRERO, Júlio Pires. (Org.). *Ensaaios de psychanalyse*. Rio de Janeiro: Flores & Mano, 1929, p. 11-25. Original publicado em 1928.

_____. *Sexo e cultura*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1933.

RAMOS, Arthur. *A criança problema*. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1947. Originalmente publicado em 1939.

_____. A dinâmica afetiva do filho mimado. *Neurobiologia*, Recife, v. 1, n. 1, p. 265-287, 1938.

_____. A mentira infantil. *Revista Médica da Bahia*, Salvador, v. 5, n. 10, p. 195-210, 1937.

_____. A technica da psychanalyse infantil. *Archivos Brasileiros de Hygiene Mental*, Maringá, v. 6, n. 2, p. 195-205, 1933.

_____. *Educação e psychanalyse*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

_____. Os furtos escolares. *Archivos Brasileiros de Hygiene Mental*, Maringá, v. 7, n. 2, p. 229-235, 1934.

_____. O problema psycho-sociologico do filho único. *Revista Médica da Bahia*, Salvador, v. 6, n. 9, p. 185-200, 1938.

SCHMIDT, Vera. *Scritti su psicoanalisi infantile ed educazione*. Editora: Frenis Zero, 2014.

SILVA, Gastão Pereira da. *Como se deve evitar o drama sexual dos nossos filhos*. Rio de Janeiro: Oscar Mano & Cia. Editores, 1939.

_____. *Educação sexual da criança*. Rio de Janeiro: Editora Mariza, 1934.

ZULLIGER, Hans. *Aus dem unbewussten Seelenleben unserer Schuljugend*. Alemanha: Inktank publishing, 2019 [1923].

_____. La psychanalyse et les écoles nouvelles. *Revue française de psychanalyse*, Paris, v. 5, p. 721-750, 1928.

_____. *Los niños difíciles*. Madrid: Ed. Ediciones Morata, N/C [1946].

_____. *Psychoanalytische Erfahrungen aus der Volksschulpraxis*. Berlim: Ernst Bircher, 1921.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Autor 1 – Investigação, conceituação, coleta e análise dos dados, escrita do texto e revisão/edição final.

Autora 2 – Orientação da construção dos dados, conceituação e escrita/revisão final do artigo.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.